

O Réquiem de Verdi*

Hoje, às 10 horas e meia da manhã, é o segundo ensaio geral da missa de *Requiem*, de Verdi, cuja execução deve verificar-se no dia 1º do mês próximo, no salão do Cassino Fluminense.

A direção dessa festa artística que se prepara sob os auspícios de S. M. o Imperador, foi confiada ao Sr. Artur Napoleão, o eminente pianista, cujos talentos todos conhecemos e admiramos, e que, por suas relações na sociedade, estava no caso de obter, como obteve, uma reunião numerosa de amadores e professores para a execução da grande obra sacra do autor de *Nabuco*.

Assistimos ao primeiro ensaio, e conosco numerosa concorrência. É difícil que, logo na primeira audição, se possa julgar bem de uma obra musical da ordem do *Requiem*; sobretudo, tratando-se de um ensaio, em que a execução se ressentia ainda de incertezas, e há muito que rectificar e perfazer. Não obstante isso, o efeito produzido na noite de quarta-feira foi magnífico. Se algumas belezas escaparam, grande parte delas, e das mais novas e arrojadas, impressionaram fortemente o público e encheram a todos de admiração.

Na verdade, é surpreendente a composição de Verdi, e a festa a que vamos assistir será única no seu gênero. Nos próprios países, onde é mais fácil a execução de tais obras, pela prontidão e abundância de recursos, e onde, portanto, o público está habituado a essas solenidades musicais, a execução do *Requiem* foi esperada como grande acontecimento. E a expectativa pública não foi iludida. Atesta-o a imprensa inglesa, francesa e italiana. Houve um concerto de louvores¹, entremeados de críticas, é certo, como sempre as teve o autor da *Traviata*; mas apesar das críticas e das reticências, não houve duas opiniões acerca da pujança e esplendor da composição de Verdi.

* Este artigo, que atribuímos a Machado de Assis, com base no que afirma M[anuel] de Melo em “A missa de Réquiem”, vem na seção “Letras e Artes” do jornal *O Globo*, Rio de Janeiro, ano 3º, n. 30, p. 1-2, 30 jan. 1876. O artigo de M[anuel] de Melo vem no mesmo jornal e também foi transcrito neste número da *Machadiana Eletrônica*, na seção “Outras Edições”. Edição e notas (de ambos os artigos) por José Américo Miranda e Gracinéa I. Oliveira.

¹ No jornal: “lavouras”.

Pela nossa parte, com a impressão ainda viva do primeiro ensaio, quiséramos dizer aos leitores do *Globo* o que é a missa de Verdi; apontar, uma por uma, todas as belezas que pudemos alcançar, e não são poucas; achamos, porém, que é isto mais fácil de sentir que de exprimir. Neste assunto, confessamos nossa total inópia: somos simplesmente admiradores do que nos impressiona, sem darmos as razões técnicas da admiração. Se os leitores querem ter ideia da obra, cuja execução deve verificar-se depois de amanhã pelos grandes coros e orquestra reunidos pelo Sr. A. Napoleão, leia estes trechos da crítica da “Revista dos Dous Mundos”, por ocasião de executar-se a missa em Paris:

“A ideia que entre nós se faz do sentimento religioso é tão indefinida e vaga, que não há discuti-la seriamente. Uns querem que ele esteja na *fuga*; e para a maioria reside na ausência de colorido, movimento e originalidade.

A ser assim, a missa de Verdi é obra de um atrevido herético; porquanto ali circula, a largos eflúvios, o calor vital, o interesse e a comoção que apoderando-se do ouvinte, nunca mais o deixam até ao fim.

A música desta missa fala a língua do seu tempo; as sonoridades e as modulações acham-se ali em toda a pujança, e a *fuga* do *Sanctus*, não menos que a *fuga* final do *Libera*, desarmariam o próprio Cherubini, *Monsieur Cherubini*, como dizem, tirando o chapéu, os fiéis do Conservatório.

Não esperem cavatinas nem frases concertantes como na missa de Rossini; não esperem também esses largos planos à Haendel: Verdi segue o texto, tradu-lo palavra por palavra, sílaba por sílaba... Os mortos ditam-lhe a prosa, e o mestre escreve a música sob a inspiração deles... Cada nota é uma palavra do texto...

Ao *pianissimo* em *lá menor* do começo, sepulcral, pavoroso de mistério e solenidade, de horror fúnebre, mescla-se a inefável lamentação de um *kyrie eleison*, recitado pelo *quatuor vocal*, e terminado com o coro: depois rompe o *Dies irae* vertiginoso em seu acabrunhamento: dir-se-ia o *Juízo final* da capela Sistina que se anima e enche os ares com toda a sua fúria e lamentação.

Dous sentimentos dominam na missa de Verdi, o pavor e a imploração. Nem é possível meditar na lenda católica posta em música, sem sentir-se abalado por essas duas vozes atoadoras e suplicantes no fundo daqueles versículos e daquela prosa incomparáveis. O próprio Mozart fez desses dous sentimentos a nota dominante do seu *Requiem*: e Verdi nesse ponto deve ter lido e relido Mozart.

Acho em gérmen na obra desse mestre dos mestres, efeitos de que o músico moderno se apoderou e desenvolveu como era de seu direito: o *tuba mirum*, por exemplo, que na obra de Mozart é confiado a um trombone, na de Verdi é aquele prodigioso chamamento executado pelos instrumentos de metal. Ruge e muge em pleno coral e plena orquestra a tempestade anunciada pelas profecias; súbito para o furacão, cala-se tudo, e do meio desse silêncio, mais terrível que a universal imploração, ressoam as trombetas do juízo final. Essa frase que parece projetar uma vibração do fundo dos

abismos chega misteriosa, estranha, irresoluta: os anjos, dos quatro cantos do horizonte, chamam-se, respondem-se: as trombetas aproximam-se recrutando os trombones; visão que tem alguma cousa de medonho, sons que parecem sair do Apocalipse... Não há senão admirar a singular habilidade com que os instrumentos de metal são empregados: duas vezes ocupam eles o interesse nessa magnífica sinfonia colorida como um painel de Delacroix. Empregados a princípio, como ficou dito, achamo-los outra vez no *Libera*, lúgubres, surdos, velados e servindo de pedal às deliciosas harmonias de uma queixa, de que só há equivalente na *Lacrymosa* do Mozart e no *andante* da sonata *Clair da Lune*...

Para provar que está comovido, Verdi chora; lastimo aqueles a quem semelhante comoção não impressiona, e que em vez de ajoelhar-se ante aquele *offertorio* e aquele *Agnus Dei* adoráveis, lembram-se de citar algum pedaço em que Verdi se mostrou um pouco teatral.”

Os trechos que aí ficam, obra de pena amestrada e competente, dão ideia cabal do que é o *Requiem* de Verdi. Decidam os competentes entre a missa deste grande compositor e a de Mozart, obras aliás incomparáveis. O que por ora temos de fazer é ouvir e admirar a recente obra-prima.

Estamos certos de que o efeito do *Requiem* será entre nós o mesmo que na capital francesa e nas outras da Europa. O público fluminense é *diletante*² de velha data, e tem a fortuna de possuir apurado gosto musical, entusiasmo sincero e fidelidade às obras de gênio. Verdi é tão popular no Brasil, como na Itália e na Europa. Suas óperas estão na memória e no coração do povo. Os mais belos triunfos de Rossini e Donizetti no nosso teatro não foram nunca superiores aos de Verdi; e em muitos casos não os igualaram. Não aferimos por aí méritos, nem comparamos o gênio desses mestres ilustres; apontamos o fato e nada mais.

A execução do *Requiem* é, portanto, um despertar das memórias mais queridas e vivazes da sociedade fluminense. Ao mesmo tempo é um oásis no meio do deserto musical em que vivemos. O Rio de Janeiro não ouve música há muitos anos; referimo-nos à música de certa ordem. Uma ou outra tentativa passageira de companhias italianas e espanholas, e operetas das companhias francesas, aliás inacessíveis a uma parte da sociedade, não satisfazem o público. Atualmente nada há; a música, depois de se ter constituído entre nós uma espécie de necessidade social, fugiu-nos de todo.

É de louvar a tentativa do Sr. Artur Napoleão, para dar-nos um pouco de grande música, e a proteção dispensada a esta empresa por S. M. o Imperador, é mais uma prova do fervor que encontra no soberano todo o esforço nobre em favor da arte, das letras e das ciências.

Sem essa proteção e essa iniciativa não ouviríamos, – pelo menos tão cedo, – a obra monumental do maestro italiano. Vamos tê-la, vamos ouvi-la executar com o

² No jornal: “*dilletante*”.

apuro, a maestria e a perfeição que é de esperar de amadores e professores distintos e de um chefe musical como o Sr. A. Napoleão.

São duas as audições públicas segundo está anunciado. Deviam ser mais; não podemos, porém, ir além do que se nos promete. O produto das duas noites é destinado a uma instituição pia. O pensamento é humanitário de honesto. Tira a esta solenidade artística todo o caráter de interesse pessoal.

Além disso, é justo que um trabalho inspirado pela religião aproveite a uma obra de caridade, e que o fruto das comoções novas, profundas e elevadas que o *Requiem* produzir em nós, sirva para enxugar lágrimas e adoçar infortúnios.

O salão do Cassino é asilo de alegria e recreio; ali reina a música dos nossos desenfados. Durante dous dias uma nota mais forte e austera ecoará naquele espaço consagrado aos prazeres elegantes. Os que ali acham a vida e o gozo, não se arrependerão de ir duas vezes, duas somente, – receber uma comoção que lhes não esquecerá, e, provavelmente, não a terão mais nunca.

[matéria não assinada]